

## MULHER, MAGIA E PODER NA ILHA DE COLARES (PA)

Emerson José Sena da Silveira\*  
Dayana Dar'c da Silva e Silva\*\*

### RESUMO

Este artigo investiga a vida de uma ilustre moradora da Ilha de Colares, Estado do Pará, Dona Marina. Tendo como horizonte interrogativo a forma como mãos e mentes femininas tecem a cura, a magia, o cuidado com crianças, homens e plantas, realizou-se uma pesquisa de campo, com entrevistas profundas ao longo de 2012. Se, por um lado, a violência simbólica expressa-se em percalços da trajetória de Dona Marina, por outro, suas vivências religiosas abriram perspectivas de afirmação de si e de autonomia permitindo um efetivo empoderamento.

**Palavras-chave:** mulher; magia; poder; Ilha de Colares.

### WOMAN, MAGIC AND POWER IN THE ISLAND OF COLARES (PA)

### ABSTRAC

This article investigates the life of a distinguished resident the island of Colares, State of Pará, Dona Marina. Having as their horizon interrogative how it women's minds and hands weave the healing magic, caring for children, men and plants, we carried out a field research, deep interviews with over 2012. If, the one part, symbolic violence is expressed in mishaps the trajectory of Dona Marina on the other hand, his religious experiences have opened perspectives for self-assertion and autonomy, permitting an efficient empowerment.

**Keywords:** Woman. Magic. Power. Island of Colares.

---

\* Antropólogo. Doutor em Ciência da Religião, Coordenador e Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pós-Doutoramento em Antropologia, com bolsa do CNPq (2008 – 2009). E-mail: emerson,pesquisa@gmail.com.

\*\* Graduada em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará. E-mail: darc.dayana@yahoo.com.br.

## INTRODUÇÃO

As mulheres e as religiões possuem antigas e profundas relações, baseadas em muitas pautas de atuação social, cultural, religiosa e familiar. As vidas femininas são complexas teias de relações com a sociedade, as tradicionais da religião institucional e os mundos dos homens. Desses mundos femininos, só se aproxima quem se deixa envolver, quem está atento aos interstícios e quem abre o olhar para novas perspectivas.

Nesse sentido, o presente artigo pretende chamar atenção para as inúmeras nuances da relação entre o feminino e a religião a partir da atuação de uma mulher imersa no mundo amazônico, no nordeste paraense (Ilha de Colares)<sup>1</sup>. Dona Marina é seu nome. Múltiplos foram e são seus afazeres: rezas, benzeduras, trabalhos mágicos. Tendo como horizonte interrogativo a forma como as mãos e as mentes femininas tecem as relações com a cura, o cuidado com crianças, homens e plantas, buscou-se empreender uma pesquisa de campo, com entrevistas profundas feitas em 2012. Se por um lado, na vida de Dona Marina, a violência simbólica evidencia-se em percalços de sua longa trajetória, por outro, as vivências religiosas abrem mundos simbólicos de afirmação de si e de autonomia permitindo um efetivo empoderamento.

Com isso, alcançou-se uma compreensão mais aprofundada das maneiras como a mulher amazônica constrói sua vida e seu cotidiano, lugares nos quais a religião é presença concreta e simbólica de liberdades possíveis e tradições recriadas.

## DESDE PEQUENA, UMA TRAJETÓRIA DE BUSCAS E POLISSEMIAS

Dona Marina é uma antiga moradora da Ilha de Colares. Senhora de 82 anos, muito lúcida, simpática, alegre, de pele parda, robusta,

<sup>1</sup> Colares é um município do Estado do Pará, no litoral do continente na baía de Marajó, na microrregião do Salgado, mesorregião do nordeste paraense. O município tem mais ou menos 11 mil habitantes e foi criado em 1961. Para se chegar à ilha é preciso fazer uma travessia de balsa, onde se encontra o rio Igarapé-Mirim, na região chamada Nordeste Paraense, a 100 quilômetros de Belém. Essa ilha e cidade ficaram famosas internacionalmente pelos fenômenos ufológicos que ocorreram em meados da década de 70. Avistamento coletivo de discos voadores, ataques de extraterrestres e outros fatos provocaram a reação do governo federal que destacou uma missão da Força Aérea Brasileira para investigar esses supostos fatos. A missão, denominada Operação Prato, fez relatórios e tirou fotos, parcialmente liberados. Anos depois, o comandante da missão suicidou-se. Há vários documentários, e o mais famoso é o da série Arquivos Extraterrestres (The History Channel).

cabelos ondulados, curtos e grisalhos. Uns a conhecem por seu vasto conhecimento acerca dos remédios; outros, por ser parteira e fazer “trabalhos” (passes, jogar cartas, mesa branca e bençãos)<sup>2</sup>.

Nasceu na localidade de Itajurá, um vilarejo pequeno próximo ao porto da Ilha de Colares, na cidade de mesmo nome. Seus pais eram lavradores e possuíam terrenos onde plantavam mandioca, milho e arroz. Dos cinco filhos, dois homens e três mulheres, somente Dona Marina e a irmã mais velha, com 91 anos encontram-se vivas.

Dona Marina casou-se com um pescador aos 20 anos e, com ele, tiveram 11 filhos. Sete estão vivos: três mulheres e quatro homens. Ao pergunta-lhe sobre sua profissão, ela responde que foi lavradora e parteira. Contou que seu marido não gostava que ela trabalhasse na roça, mas ressalta que não teve estudo suficiente para ter outra profissão – estudou até a antiga sexta série. Como parteira, afirmou que não tinha sossego, era muito requisitada para fazer partos em toda a Ilha de Colares.

Evidencia-se aqui todo peso da estrutura social, tornada objetiva e natural, expressa na desaprovação masculina do trabalho feminino (BOURDIEU, 2010). Porém, mesmo em poucos interstícios sociais, algumas funções permitiam às mulheres exercerem um preciso poder social: o parto e o cuidado com a vida. Mas, no caso de Dona Marina, essa foi apenas uma das funções, pois, a partir de uma constante inserção religiosa, detectada nas referências de moradores da ilha e refletida na entrevista, percebe-se seu desempenho múltiplo, em trânsito e em transe, desde os tradicionais trabalhos femininos às vivências religiosas de cura, magia proteção.

Nesse sentido, os atos rituais e o fazer religioso são fundamentais na construção de gênero e de sua relação com as estruturas sociais objetivas. Por isso, é importante pensar, no colapso da distinção sexo / gênero, pois não há sexo que não seja sempre já gênero (BUTLER, 1990; 1993; 1994). Não existe um ‘corpo natural’ que preexistia à sua inscrição cultural, o que sugere que gênero é algo que se faz, um ato, ou mais precisamente, uma sequência de atos, um verbo e não um adjetivo substantivado, ‘fazer’ em oposição ao ‘ser’.

<sup>2</sup> Todas as falas de dona Marina, neste artigo, foram gravadas entre maio e agosto de 2012. A autorização para a pesquisa foi dada por ela em áudio, que se encontra em poder dos pesquisadores.

Por isso, é no trabalho de parto, na recepção dos dons espirituais, nos rituais mágicos e nos êxtases que Dona Marina torna-se uma mulher corajosa e polissêmica deslizando por entre as determinações objetivas das ordens sociais androcentricamente construídas (BOURDIEU, 2010).

Seu dom é interpretado tanto como herança espiritual, como um presente divino, quanto inicialmente rejeitado por seus pais, mas que se impôs de forma inelutável e o qual a mulher de Colares aceitou e levou como presença viva de saberes e práticas antigas. Quanto aos dons de contato com o mundo sagrado, afirma que Deus lhes deu, mas, também que os herdou, pois haviam sido recusados por sua mãe.

A mamãe que era mesmo uma experiente, mas ela disse que ia morrer e não queria. Morria, mas não queria. Eu tinha um tio que morava num sítio, aí esse meu tio suspendeu o (dom) que ela tinha e disse um dos teus filhos vai ter esse negócio, eles vão ficar doidinhos, porque tu não quisesses. Eu acho que foi isso mesmo, né? Sempre disseram que a gente que ia herdar.

Desde pequena, com sete anos, sentia “coisas estranhas”, “perturbações”, ouvia “zoadas” algo que não a deixava dormir durante o dia: “*De dia eu não podia dormir, se eu dormisse de dia, aquele negócio vinha me pegar, aí eu ficava perturbada, todo dia era aquela perseguição*”. Essas experiências possibilitaram a desestabilização do *habitus* com o qual os corpos femininos amazônicos são construídos, moldados, domesticados e encarcerados a funções, regras, normas e comportamentos. A constante perturbação sentida abre outras possibilidades de ação e permite a dissolução de carcaças semânticas e funcionais impostas à maioria das mulheres.

Segundo ela, havia um “experiente do Maranhão”, um senhor, afilhado de sua mãe, que ensinou uma receita: “Olhe, madrinha, a senhora pegue uma cobra coral, mate ela e enterre. Quando passar uns meses, pegue aqueles ossos, lave bem, cada dia a senhora faz um chá daquele osso e dê pra essa menina até acabar aqueles ossos”. Dona Marina disse que não sabia o que o “experiente” viu sobre ela. Só sabe que sua mãe não fez o que ele ordenou. Poderoso símbolo religioso, a serpente carrega sentidos de empoderamento, e é significativo que seja

justamente a coral, tida como a mais venenosa das espécies viventes em solo brasileiro.

Assim, começou a adoecer, as febres eram constantes. As reclamações das aparições estranhas e perturbações que tiravam seu sono fizeram com que sua mãe fosse procurar o afilhado “experiente”, que questionou se haviam feito o “remédio da cobra coral”. Com a resposta negativa, veio a declaração: “a sua filha é uma média (médium), e, agora, a senhora tem que ter paciência”.

Ao não se cumprir a receita mágico-mística, a mediunidade de Dona Marina, entendida como via de acesso ao outro mundo, tornou-se presença imperiosa, impulsionadora, que reclama intervenções, ações e respostas. Outro aspecto importante é que a busca da resposta é feita por Dona Marina e sua mãe, mulheres. Por isso, as referências ao seu pai quase não são feitas.

Na época em que ficou noiva, aos 20 anos, Dona Marina teve de fazer os trabalhos de iniciação para “aceitação do dom”. Uma transição poderosa iniciava-se em sua vida. Era inadiável entrar em contato com o mundo do além. Assim, durante 15 dias, ficou em um quarto pequeno, proibida de falar com qualquer pessoa, sendo que ninguém podia passar por detrás dela. Mas seu “resguardo” foi quebrado por um conhecido da família, que passou a mão em suas costas e lhe disse: “Oi”. Dessa forma, sua mãe disse que era para “deixar pra lá”, e não voltaram a fazer outra iniciação naquele período.

Depois de casada, com o nascimento de sua segunda filha, as coisas tornaram a se agravar, pois começou a ouvir vozes que “anunciavam a morte”. Indagada como seriam essas vozes que atormentavam e a deixavam com medo (pesadelo, espírito ou outra coisa), ela apenas balançou a cabeça dizendo: “Era”. A “quebra” das prescrições rituais introduz o abalo e o risco na experiência biográfica. Entretanto não soube explicar sua aparência e completou reafirmando o temor das aparições:

Aquele negócio começou aparecer pra mim, aí foi feio, foi horrível uma hora era dum jeito outra hora era de outro jeito. De dia eu não podia me deitar, quando eu ia me deitar aquele negócio me pegava, eu não sabia o que era aquilo se manifestava, me pegava, eu pulava, não podia dormir, fica desesperada. Depois, foi diferente aquilo já começava a

dizer as coisas. Tem um negócio estranho eu tô pra morrer! E, depois, já mudou, comecei a adoecer. (Entrevista, agosto de 2012.)

As constantes interrupções do processo ritual intensificam os perigos da desagregação sociossimbólica. Após muitas atormentações, foi preciso “preparar outro serviço”. As questões religiosas acabaram por estabelecer uma cooperação entre gêneros: então, o marido de Dona Marina pediu que o “experiente” conhecido da família fizesse o “serviço”. Comprado todos os materiais para preparar o “trabalho”, foram outros 15 dias “presa sem falar com ninguém”, ocasião em que ficou isolada.

Só tinha uma pessoa pra falar comigo (uma ajudante), eu passei quinze dias só comendo patinho encruzado, é uns patos que estão mudando a pena já estão quase prontos. Compraram sete patos pra eu comer em quinze dias, já estavam grandotes. Eu já estava enjoada, ela preparava com arroz, era mais vinho que eu tomava. Era dentro de casa presa sem falar com ninguém, já pensou? Até o dia do último serviço, com quinze dias ele (experiente), veio fazer o serviço, aí já mandava eu abrir uns serviços. (Entrevista, agosto de 2012.)

Ao término do tratamento, começou a pôr em prática as suas habilidades. Com o passar do tempo, não explicitou data, deixou de fazer os “trabalhos”, pois não tinha tempo para outras atividades: “Eu me afastei, era muita perturbação”. As inúmeras pessoas que vinham do interior de Colares não davam tranquilidade a Dona Marina. As pessoas que a buscavam estavam atormentadas no corpo e na alma. Nessa ocasião, umas das maiores dificuldades que ela encontrava era a falta de transporte, pois o deslocamento para outras comunidades era feito a pé, e, por esse motivo, teve de parar um pouco com os trabalhos.

O dom e os saberes acerca das plantas vieram de duas maneiras, o conhecimento próprio e o de sua mãe, como explica: “Eu conhecia mesmo, a minha mãe me mostrava as plantas”, e complementou: “A gente anda pelo mato, conhece muitas plantas, pra que serve”.

Dona Marina praticou e ainda pratica muitas tarefas, entre as quais, as que objetivavam libertar ou curar os doentes de seus males físicos e espirituais. O dom, ou os dons, obtidos por meio de Deus, encaminhados

por seus guias, são destinado a todos os que a procuram. Não “explora ninguém”, não oferece preço para seu trabalho, no entanto, sempre é bem recompensada. Porém algumas práticas já não são mais realizadas, como a reunião de “mesa branca”, em que se evocavam espíritos de mortos para resolver perturbações e enfermidades.

## **PARTOS, PRÁTICAS TERAPÊUTICAS CURATIVAS**

Atualmente, Dona Marina parou de fazer partos, porque já está aposentada, mas afirma que: “Quando não tem ninguém lá na unidade (posto de saúde), que tão precisando de mim, eu vou, aí faço parto, venho embora”.

Diante da desestrutura social, a atitude de serviço evidencia a força da presença feminina, já que Dona Marina acredita, também, ter herdado esse dom de sua mãe, parteira requisitada em Colares. Contou sobre as habilidades que a mãe possuía: “Ela que era mesmo parteira”, e “Minha mãe tirou muita gente do buraco”, referindo-se aos vários partos complexos que sua mãe realizava com sucesso.

Como parteira experiente, desenvolveu saberes acerca da mulher grávida e do bebê fazendo de Dona Marina uma “médica popular”. As técnicas de parto estão vinculadas culturalmente à realidade cotidiana das populações em que há carência de assistência médica, longas distâncias entre as cidades que possuem hospitais e falta do meio de transporte. E, por isso, os saberes populares e terapêuticos são tão importantes.

Nunca calculou quantos partos fez (foram muitos): “Era quase todo o povo aqui em geral”, inclusive os partos de suas filhas e netas. As mãos atarefadas em trazer à vida estão revestidas do poder sagrado, herdado e doado simultaneamente, para reverter situações complicadas na hora do parto. Segundo Dona Marina, “Às vezes, o filho tava errado, eu mandava virar de cabeça pra baixo, eu recolhia a mão e pronto, era rápido que eu fazia aquele parto, salvei muita gente, graças a Deus”. Referente ao dom de salvar vidas, houve um parto milagroso:

Uma vez, uma menina tava morrendo, eu cheguei lá, salvei ela e salvei a criança. A criança nasceu morta, e, depois, eu não sei que espécie de milagre, eu fiz viver aquela criança, duas crianças eu fiz viver, até hoje eu me lembro. O rapaz tá aí de família, e esse também tá pra Macapá, toda vez que ele vem, vem aqui me trazer um presente.

A fé é um componente de destaque. A religiosidade faz parte da rotina das parteiras. As orações consistem em clamar a “Deus ou aos santos católicos por uma intercessão abrandando a dor e o parto complicado, as parteiras também pedem a própria proteção”. Dentro desse contexto, “as orações e devoções são recursos fortalecidos com rituais e símbolos, relacionados à concepção que auxiliam no bom parto para garantir as vidas de mãe e filho. Portanto, as orações / rezas acontecem antes e após o parto em agradecimento” (BARROSO, 2001, p. 51).

Para realizar um bom parto e se “defender”, Dona Marina lança mão dessas rezas / orações. Em sua narrativa, disse rezar para São Raimundo, santo católico também chamado São Raimundo Nonato, padroeiro e protetor das parturientes e das parteiras. Aqui, uma breve observação: se, na vida real, cotidiana, as mulheres empreendem os cuidados e as ações do parto, o recurso espiritual é feito a um santo masculino. Curiosa inversão sociossimbólica quando se coloca em tela a poderosa presença simbólica da Virgem Maria na religiosidade católica feminina.

Confirmando o sentido e o significado da fé, Dona Marina contou que, certa vez, estava com perna machucada, foi solicitada para ajudar uma jovem grávida que sentia dores do parto. Mas, nessa ocasião, não estava disponível nenhum carro para levá-la ao hospital mais próximo. Com a perna machucada, Dona Marina, corria um risco, pois, conforme seus conhecimentos, fazer parto com algum ferimento no corpo poderia provocar uma inflamação. Entretanto, por meio de sua oração e fé, sua perna não inflamou.

O trabalho de parteira envolvia o conhecimento com plantas, remédios e receitas. Para dar dor na mulher grávida, Dona Marina usava “três pontas da folha do cabi”, em seguida, fervia com nove grãos de pimenta-do-reino e uma pitada de cominho. Depois de pronto, dava o chá para a parturiente e assegurou: “Dava dor que não passava mais, era pra ter o bebê”.

Mas os dotes espirituais dessa corajosa mulher de Colares são muitos e híbridos, são místicos e, ao mesmo tempo, pragmáticos e tradicionais: religiosidade católica, herança indígena, presença afro-brasileira e misticismo popular.

## RELIGIOSIDADE HÍBRIDA: SONHOS, PRESSÁGIOS, BENZEÇÃO E CARTAS

Os sonhos revelam acontecimentos precisos na vida de Dona Marina e de pessoas que a cercam. Essas vidências remontam desde a infância, porém os sonhos exigem prudência.

Sempre sonho as coisas, mas, às vezes, eu sonho e não me lembro, mas, quando eu me lembrar, pode crer que é tiro e queda. Às vezes, eu to dormindo, me acordo apavorada: Ah, sonhei tal coisa assim. Eu já fico cabrera! Ah, o negócio não vai prestar! E é verdade, eu tenho medo.

As intuições não enganaram a moradora de Colares que pressentiu a morte do próprio marido: “Eu disse pra ele que não fosse se operar que ele ia morrer”. Disse que o marido insistiu e foi fazer uma operação de cateterismo, pois quatro veias do coração estavam entupidas. Desentupiram uma, mas restavam três: “Agora, eu não quero que tu vá se operar, tu vai morrer lá”, insistiu Dona Marina. A operação foi feita durante o dia, mas ele faleceu durante a noite. Os sonhos divinatórios de Dona Marina estão presentes desde sua infância até à atualidade.

Outra prática feita por Dona Marina é o ato de benzer realizando papel fundamental na cura dos males alcançada por meio do efeito terapêutico da benzeção. Em seu sentido preventivo, a ação de benzer pode combater desgraças e cobiças (FONTENELLE, 1959).

Adultos e crianças são frequentemente levados à benzedeira para tirar o mau-olhado, quebranto e vento caído (crianças). Dona Marina faz suas benzeções com rezas e galhos de plantas.

A utilização de plantas na benzeção tem como finalidade receber todo o incômodo ou mal-estar que acomete o corpo adoentado. A transmissão desses males para o galho da planta é notado quando as folhas perdem o viço, ou seja, murcham, anunciando a transferência da enfermidade.

São usados os galhos de vassourinha ou pião roxo, tirados por Dona Marina pouco antes de começar a benzedura. O galho é lançado no corpo com sua reza, e, ao final, complementam-se prescrições de banhos próprios para cada malefício. A arruda pode ser utilizada, porém é destacado seu uso específico e adequado para tirar mau-olhado.

Ela se sobressai em relação às demais benzedeiras por utilizar rezas impulsionadas por seus guias: “Eles (guias) vêm me incentivar para rezar, eles que fazem a reza”. Os guias são entidades espirituais que intervêm, inspirando gestos, comportamentos e tomando posse do corpo do “guiado”. Essas presenças religiosas mostram a proximidade do universo fenomenológico das religiões afro-brasileiras dentro da trajetória dessa mulher paraense.

Dona Marina garante a eficácia de sua benzeção:

Eu benzo quebranto só uma vez, e a pessoa fica logo boa. Um dia desses tinha uma menina aqui arreada, quando eu benzi, quando eu abri a boca, o olho dessa menina escoria. Olha mana, se tu não trouxesse essa menina, ela ia morrer de quebranto. Aquilo chega ficou murcho aquele galho daquela planta, eu fiz uns banhos, e, graças a Deus, ela ficou boa, passei remédio, graças a Deus.

Observou-se um passe feito por Dona Marina, em outubro de 2012. Dona Marina puxou uma cadeira, colocou-se em frente à imagem de Nossa Senhora de Nazaré, pegou uma garrafa *pet* de dois litros, que continha um banho de ervas com guiné, cachaça, alho e incenso de mirra, passou nas costas e nas mãos do cliente e pediu: “Firma teu pensamento em Deus”. Começou a fazer várias orações que davam ênfase às transmissões de boas energias, proteção e livramentos dos males. Com as mãos, fazia o sinal da cruz na cabeça e nas costas do rapaz. Seus pés eram acometidos por discretos movimentos: ela esfregava-os no calcanhar à medida do mais fervor das orações. Suas pernas tremiam levemente. Depois, houve uma pausa para enunciar o veredito ao cliente, e, para finalizar, disse que passaria alguns banhos.

Várias orações foram ditas, porém, não fui autorizada a gravá-las. No entanto ouvi uma prece familiar, a de Cáritas, uma oração oriunda do espiritismo kardecista, que, dizem, foi composta por Santo Agostinho e psicografada por um médium em fins do século 19.

Dona Marina contou que, na hora do passe, são os guias que dizem o que acontecerá: “eles falam as coisas que vão acontecer, eles respondem, às vezes, as pessoas querem uma resposta sim ou não”.

Outro elemento de religiosidade mística-popular presente é a cartomancia: “Eu boto cartas”, afirmou, enfática, Dona Marina. As cartas podem apontar acontecimentos futuros, como neste caso: “Eu botei as cartas, saiu na carta que uma pessoa da família dele ia morrer uma morte rápida”. Com três dias, chegou a notícia de falecimento do cunhado do rapaz para quem Dona Marina havia jogado as cartas.

Neste outro caso, uma senhora procurava notícias do seu cunhado desaparecido:

Um dia desses, veio uma senhora aqui, o cunhado dela tinha desaparecido, queria que eu botasse uma carta. Eu disse: esse menino, ele tá morto. ‘Ah, pela divina amor de Deus, a senhora não fale uma coisa dessa’. Até me espantei: ‘tá dizendo que não, procura ele na polícia’. Quando foi de tarde, deu na televisão a notícia, de tarde foram no necrotério, tava com sete dias morto. ‘Foi por causa de um dinheiro, e ele não tá vivo mais’. ‘Ah, pela divina amor de Deus, nem diga uma coisa dessa’. Também não vou mais falar, a senhora não quer que eu fale, não falo. Vão na polícia procurar ele, eu não topo coisa boa na minha vidência, ou mataram por causa de dinheiro, mas tá aqui, a fofoca vai ser grande, vocês vão ter uma grande surpresa de tristeza, mas não vou dizer mais nada porque ela disse que não era pra falar, então, porque vieste mandar pra botar carta? No outro dia, encontraram ele no necrotério, tava morto, no dia eu ia daqui pra Belém, a menina: pra onde tu vai?

Fez parte dos trabalhos de Dona Marina uma prática espírita, a mesa branca, comum nas religiões mediúnicas, como o espiritismo e a umbanda (GIUMBELLI, 1997). Antigamente, faziam muitas mesas brancas, porém já não as executam mais. Tal motivo deve-se ao fato de sua ajudante ter falecido.

A mesa branca era feita da seguinte forma: “A gente fazia uma mesa branca, botava umas flores, botava um copo com água, mandava os médiuns sentarem, rezava e pronto”. Essas práticas de mesa branca ampararam muitas pessoas: “Graças a Deus, a gente resolvia muitos problemas”, disse Dona Marina.

Nessa prática, pede-se para que os “espíritos bons” manifestem-se socorrendo aqueles que necessitam de ajuda. Dona Marina destaca o

uso da mesa branca para tirar os espíritos perturbadores que afligem determinadas pessoas: “Se fizer uma mesa branca, se eles disserem que afastam, eles afastam. Eu não, não sei nada, se eles disserem. Graças a Deus, eu tenho vencido”.

É intenso o hibridismo religioso de Dona Marina, mas, em compensação, se diz católica, “graças a Deus”. É devota de Nossa Senhora da Conceição, além de fazer parte do Apostolado Coração de Jesus,<sup>3</sup> grupo de senhoras que se reúnem todas as primeiras sextas-feiras de cada mês para rezarem na Igreja Matriz da cidade de Colares. Nessa ocasião, entram na igreja às quatro horas da tarde e saem às 19 horas, depois da “santa missa”. As senhoras do Apostolado também são comprometidas na participação da organização e da procissão do Círio da cidade. Aqui, a participação em atividades extrafamiliares é fundamental na reconfiguração das relações de gênero no âmbito do catolicismo, aspecto que foi enfatizado por algumas sociólogas para entender a relação de gênero entre as mulheres pentecostais. Porém tal abordagem é muito pouco explorada no contexto católico.

Ao lado das práticas católicas que exerce, Dona Marina também vivencia sua religiosidade em sintonia com o universo afro-brasileiro. Tais vivências expressam-se, sobretudo, a partir dos trabalhos espirituais que realiza com entidades desse panteão, a quem chama “guias”. São eles: rei Sebastião (seu “chefe de cabeça”), José Tupinambá, cabocla Mariana (também é citada como sua “chefa de cabeça”) e outros.

O hibridismo religioso de Dona Marina expressa-se ainda em sua crença em concepções provenientes de várias tradições, como o espiritismo e o candomblé.

Do espiritismo, destaca-se a crença na reencarnação, nos espíritos de luz e nos espíritos perturbadores. Dona Marina ressalta a proteção que recebe do Dr. Camilo Salgado<sup>4</sup> referindo-se a ele como um espírito

<sup>3</sup> A devoção ao Coração de Jesus foi trazida pelos jesuítas, no século passado, no contexto da ampla reestruturação do catolicismo brasileiro. Nesse caso, as ordens religiosas europeias são trazidas para fazer face ao catolicismo popular, cooptá-lo e combatê-lo, o qual é expresso pelas devoções e festas santoriais e irmandades leigas entre outros aspectos.

<sup>4</sup> Foi médico cirurgião, falecido em 1938, é considerado milagroso por muitas pessoas que atribuem santidade ao médico. Os devotos de Camilo Salgado fazem cultos semanais ou anuais no cemitério de Santa Isabel, em Belém (COSTA, 2010).

bondoso para quem “peço a proteção dele e, graças a Deus, eu consigo as coisas boas”.

Dona Marina recorda-se alegremente ter participado do candomblé deixando evidente, em seu tom de voz, a importância dessa experiência que ficou marcada em sua memória como algo admirável:

Eu tenho uma linha de candomblé. Eu já trabalhei uma vez no candomblé, achei lindo. A melhor linha que adorei! Adorei o candomblé... Achei lindo! Eu fui abrir um serviço, um rapaz veio trabalhar comigo, ele puxou a linha do candomblé, e eu peguei, achei tão bonito, achei maravilha, adorei. Até, às vezes, eu pergunto pra Roseane<sup>5</sup>: Roseane, eu queria falar com o Zé<sup>6</sup>. Ele morava aqui em Benevides, mas agora não sei. Ela (Roseane) virou protestante, não quer saber dessas coisas [...] Os caboclos incorporavam, trabalhava pra ajudar as pessoas, muito lindo aquilo.

Como se pode perceber, a trajetória híbrida de Dona Marina permite-lhe dialogar com vários saberes oriundos de tradições religiosas que se entrecruzam ou se mesclam. Isso a ponto de as fronteiras entre as crenças e as práticas dos sistemas religiosos confundirem-se, o que é uma recorrência de forma intensa e particular no ambiente amazônico.

Assim, um dado importante das tradições de matriz africana é a influência dos guias espirituais na vida cotidiana das pessoas que os recebem, inclusive ‘castigando-os’ quando ocorre o não cumprimento das chamadas ‘obrigações’, ou deveres, que todo médium deve desempenhar ao receber orientações de seus guias. A atitude de ‘entregar-se’ aos guias e seguir suas recomendações requer cuidados e atenção, o que Dona Marina demonstrou quando as entrevistas foram realizadas.

## A IMPORTÂNCIA DOS GUIAS ESPIRITUAIS

Seus guias têm um papel fundamental nos trabalhos de curas e na vida particular. Por meio deles, Dona Marina obtém mais saberes sobre o preparo dos remédios, dos banhos e das garrafadas, bem como das ervas e formas de utilização, isto é, as receitas. Em determinados

---

<sup>5</sup> Nome fictício.

<sup>6</sup> Nome fictício.

trabalhos, são seus guias espirituais que receitam os remédios: “eles passam os remédios e (os pacientes) ficam bem”.

Há três tipos de ajuda que Dona Marina recebe de seus guias. O primeiro seria a proteção: “Porque eles me ajudam, me dizem as coisas, me protegem [...]”. Um segundo elemento importante seria a ajuda financeira que recebe:

[...] às vezes, eu tô até aperreada vem uma pessoa já me traz um dinheiro, aí vai quebrando um galho, me ajudam bastante. Às vezes, eu não tô esperando nem um negócio. De repente, eles chegam e fazem um agrado pra mim, quando eu tô nem esperando, tudo isso, é uma importância, né? Eu tô distraída, de repente, eu tenho uma coisa pra me ajudar, aí, graças a Deus, eu nunca fiquei sem nada, porque eles sempre me dão aquela força.

Por fim, mas não menos importante, a resolução de problemas práticos do cotidiano:

Um dia desses, eu tava aperreada, pedi pra me darem uma carona, eu tava precisada de vim, de repente, o homem varou lá, aí a moça vinha pra cá, filha da escrivã: “Venha cá! A senhora não vai pra Colares?” Eu disse: “Vou”. “Então, embarque, bora?”. Égua, não acredito! Na hora.

Dona Marina tem muita cumplicidade com a cabocla Mariana, que é marcada por amparos: “Às vezes, eu tava aperreada e eu queria qualquer coisa. Ah, Dona Mariana, me ajude! Pronto, na hora! Às vezes, uma carona: Oh, Dona Mariana, eu quero ir pra tal canto, eu quero uma carona”. A cabocla exerce um lado poderoso de proteção aos seus “guiados”, por exemplo, exercendo represálias contra as pessoas que caluniassem Dona Marina.

Os conflitos no lar deixavam Dona Marina em uma situação delicada. De um lado, seu marido, de outro, sua guia, cabocla Mariana. Assim, Dona Marina diz:

Meus guias eram brabos [...]. Uma vez, baixou um caboclo em mim, e ele pediu um cigarro, aí ele ficou aborrecido. Ah! Quando ele (o marido) veio trazer (o cigarro), ela (cabocla Mariana) ficou muito aborrecida. Dona Mariana que baixou, ela não gostava dele (marido),

ela disse que ele ia pagar pra ela. Ela é “porca” de língua, disse uma mina de coisa pra ele, disse que ele ia pagar pra ela, e ele também não se rebaixava pra ela. Ele foi caçar, quando ele chegou lá, viu um negócio que pegava no pé dele, foi que ele rebolou (caiu rolando), não sei como ele não morreu, caiu de cabeça, quase ele morre, chegou aqui com o pescoço recolhido. E ela disse pra mim: “Ah, já me vinguei do teu marido”. Ela vinha me dizer, eu queria conversar, e ela saía achando graça, não falava mais, só dizia aquilo.

Dona Marina expôs outro fato interessante. Um dia seu marido “Ihe fez um desaforo”. Esse atrevimento feito por causa de dinheiro acarretou a indignação da cabocla Mariana, que disse à guiada: “A partir de hoje, vou te ajudar pra tu não precisar desse patife”. Depois daquele dia, Dona Marina não precisou pedir dinheiro a seu marido, uma vez que o pagamento dos trabalhos realizados para os clientes foram ficando mais generosos.

A partir da ajuda da cabocla Mariana, as preocupações com a ausência do marido (sair para pescar) não a inquietavam mais, já que as recompensas vinham por meio do dinheiro ou de produtos agrícolas. Porém o compromisso com os guias é importante e vital nas religiões de matriz afro-brasileira (MONTERO, 1985).

### SUSPENSÃO DAS INCORPORAÇÕES

Atualmente, Dona Marina afirma que seu corpo começou a sentir o peso da idade avançada. Por esse motivo, iniciou os trabalhos para deixar de incorporar os guias. Uma senhora já afastou alguns dos guias incorporados, contudo, Dona Marina revela que faz mais de um ano que acertou com uma colega para realizarem os trabalhos para suspender as incorporações. Falharam em um serviço, então as inquietações começaram a acontecer:

(Os guias) me fizeram quase doida lá em Belém, não sabia onde eu estava, fiquei igual a uma pessoa que caduca, passava carro não sabia onde era a casa da minha filha, pois eles me massacraram o resto da tarde lá. Fiquei muito mordida (aborrecida), meu neto viu quando eu entrei, um homem feio do meu lado. Ele conta pra mãe dele. Não conte pra vovó: mamãe, a vovó veio com um homem feio do lado. Ah, minha

filha, tu nem sabe, ontem quando eu cheguei aqui. Que foi? Olha um negócio que me acompanhou, eu não sabia nem onde era a tua casa, me fizeram de besta na rua, não conhecia nem mais a rua. Olha, parece assim que eu caducava, até que um senhor me amostrou, aí eu entrei, tava lá a casa dela. Parece assim, fiquei modo quecaducando.

As consequências foram sérias, visto que sua colega também sofreu punição dos guias por não ter feito os trabalhos. Sua colega chegou chorando em sua casa, e Dona Marina disse que: “Essa semana, Maria<sup>7</sup> tava doente, aí eu marquei um serviço pra ela, pois eles massacraram tanto, eles disseram: sabe por que isso? É pra ela respeitar, daquele dia, ela marcou serviço e não foi”.

Dona Marina disse que vai ajudar a resolver esse problema, pois os guias ainda estão com raiva de sua colega, e conclui: “Eles disseram essa noite que era pra ela respeitar, ela marca trabalho e não veio, pois eles embaraçaram tudinho pra mim não ir. Tá vendo como é? Eles são perigosos, *malinos*, se aborreceram”.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pouco se estudou sobre a presença feminina no contexto das religiões tradicionais e populares, em especial em um enfoque cruzado, como gênero, religião e cotidiano. Nesse sentido, estudar a vida, os saberes e as práticas de mulheres poderosas é fundamental no horizonte dos estudos sociorreligiosos. Dona Marina é um das muitas mulheres desafiadas, cotidianamente, por demandas de cura simbólica e sobrevivência material, e, em sua vida, as influências culturais, sociais e religiosas estão em interação constante, e, por meio de rituais e práticas, fazem a diferença no duro jogo da vida material e simbólica, marcada pela hegemonia masculina.

Apesar de a população colarense conhecê-la como parteira e benzedeira, não foi possível estabelecer uma identidade única, já que sua atuação no campo mágico-religioso envolve benzedura, curandeirismo, esoterismo, pajelança e mediunidade; suas práticas e crenças mesclam-se com elementos da religiosidade afro-brasileira, indígena, espírita e do catolicismo popular.

---

<sup>7</sup> Nome fictício.

Dona Marina, mulher polissêmica, é detentora de múltiplos conhecimentos que a permitiram (e permitem) navegar como protagonista em diversos espaços sociais. Ao executar diversas práticas (benzedeira, curandeira, parteira, joga cartas, dá passe), sua singularidade fica em evidência. Nesse sentido, plantas, crenças e símbolos religiosos podem ser entendidos como elementos mediadores de significado e poder. As atividades mágicas e curandeiras realizadas por Dona Marina constituem-na peça-chave, tanto em espaços socialmente destinados a homens e à sua religiosidade androcêntrica quanto em espaços destinados às mulheres. Por isso, o dom espiritual recebido torna-se elemento articulador entre família, filhos, marido e tarefas sociais. Nesse sentido, conclui-se que a experiência religiosa, mediada internamente pelo sincretismo, é fundamental, porque auxilia a mulher abrindo perspectivas de atuação mais autônoma em relação ao mundo familiar masculino. As tensões e os conflitos não deixam de existir, é verdade, mas a vivência religiosa feminina traz brechas nas muralhas das violências simbólicas que impregnam, muitas vezes, o mundo social, religioso e masculino.

## REFERÊNCIAS

- BARROSO, Iraci de Carvalho. **Saberes e práticas das parteiras tradicionais do Amapá: histórias e memórias**. Dissertação (História). Campinas, São Paulo: Unicamp, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 7. ed. São Paulo: Bertand do Brasil, 2010.
- BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”**. New York: Routledge, 1993.
- \_\_\_\_\_. Gender as performance: an interview with Judith Butler. **Radical Philosophy: A Journal of Socialist and Feminist Philosophy**, n. 67, p. 32-39, 1994.
- COSTA, Éden Moraes da. De médico e santo popular: a devoção ao doutor Camilo Salgado em Belém do Pará. **Revista Estudos Amazônicos**, 2010. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/pphist/estudosamazonicos/arquivos/artigos>>. Acesso em: 10 set. 2012.
- FONTENELLE, L. F. Raposo. **Aimorés: análise antropológica de um programa de saúde**. Rio de Janeiro: DASP, 1959.
- GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- MONTERO, Paula. **Da doença a desordem: a magia na umbanda**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.